

O Fiel Jardineiro: Cinema e Política Internacional de visita a África

Publicação: [O Mundo em Português Nº61](#)

Data de Publicação: Fevereiro/Março de 2006

Autor: Bruno Cardoso Reis

A ideia de que a arte não faz política é uma evidente ilusão. A arte surgiu ao serviço do poder. E alguma política tenderá a fazer sempre, queira ou não queira. O que é diferente de dizer – como fizeram certas correntes artísticas e muitos Estados – que o artista só deve fazer uma certa e determinada política. Mesmo assim, há obras primas que resistem a tudo. Quem não gosta de propaganda devia evitar museus e cinematecas. Talvez se possa dizer, no entanto, que o «cinema de Hollywood» tendeu a afastar a expressão ou discussão política expressa dos filmes. Mesmo assim houve excepções (veja-se Oliver Stone). E nos últimos anos, a força comercial crescente do documentário, e um investimento em docudramas parece apontar para uma maior aceitação de uma politização mais explícita. No ano passado, vários filmes distribuídos por grandes estúdios afrontaram temas centrais da actual política internacional: o Senhor da Guerra de Andrew Niccol sobre o tráfico de armas ligeiras; A Intérprete de Sidney Pollack sobre o papel da ONU e o abuso dos direitos humanos por supostos libertadores; e também este Fiel Jardineiro de Fernando Meirelles.

Ao explicitarem a intenção de apresentar um argumento político nas suas obras, os autores tornam (ainda mais) legítimo fazer uma leitura que vai para além da apreciação estética. Uma leitura, por exemplo, em termos da sua dimensão política internacional. Um ponto comum a esses três filmes é que têm África como espaço central no enredo. Não é por acaso. África é frequentemente vista como o continente perdido, o grande desafio aos ideais de uma sociedade internacional melhor e mais equitativa. O Fiel Jardineiro pretende – como sucede com tantos outros livros de John Le Carré, de que é uma adaptação – ser simbólico precisamente do estado de coisas no Mundo, e na sua face mais negra. Neste caso o lado mais atacado da globalização: o peso das multinacionais que utilizam a sua força e a sua dimensão extra-nacional, para abusarem da fraqueza e corrupção do Estado nas zonas mais pobres do mundo e aí fazer, a baixo custo e alto risco, aquilo que não podem fazer no Ocidente por razões legais e financeiras. E no meio de tudo isto, Le Carré joga com o contraste entre o que há de

mais tradicional na vida internacional, a diplomacia, e o que há de mais inovador, a explosão das ONGs nas últimas décadas. Aprofundemos um pouco estes temas.

África continua a ser em boa parte um buraco negro em termos de cinema. Quase não se vêem filmes africanos, mesmo nos circuitos mais alternativos. Aliás, nenhuma película estrangeira tinha sido feita no Quênia recentemente. Pelo que, e certamente pelo dinheiro que trazia, apesar do tema controverso, a equipa de filmagem do Fiel Jardineiro foi bem acolhida no país. A imagem cinematográfica de África ainda prevalecente tem muito a ver com os grandes espaços e os animais selvagens, habituais em documentários televisivos que muitas vezes têm de ser cuidadosamente enquadrados para disfarçar a intrusão humana mesmo ali ao lado. Um filme recente que provavelmente vem à memória cinéfila é África Minha. O Fiel Jardineiro parece querer jogar com esses estereótipos, mas para os jogar fora, colando os flamingos dessa visão tradicional aos momentos mais trágicos do filme. Mas tirando isso, praticamente o único animal que se vê durante todo o filme é o homem. E em abundante número.

A acção centra-se no gigantesco – com talvez um milhão de habitantes – bairro da lata de Kibera nos arredores de Nairobi, a capital do Quênia. Evidentemente desprovido das amenidades a que a Europa se habituou nas últimas décadas, Meirelles quis filmar in loco, de câmara ao ombro, e interagir o mais possível com a realidade, como tinha feito na Cidade de Deus. O efeito pretendido é o de um docudrama. As imagens impressionam alguma coisa. Há um esforço para passar a realidade da vida quotidiana, por exemplo na referência às horas de viagem a pé para ir visitar um doente, ou a questão da água. Mas este não deixa de ser um filme de visita a África. O único personagem africano de monta é um médico local. Pouco se percebe como aquela realidade realmente funciona por dentro. Tudo tende a ser visto muito na perspectiva da assistência ocidental, boa ou má.

Depois do cenário, o enredo. Ele gira, de facto, em torno da tríade diplomacia, multinacionais e ONGs. Para efeito de concentração dramática estes pólos estão caricaturalmente próximos. Não só as personagens-chave são um diplomata britânico e a sua mulher, uma activista levada a denunciar os abusos dos grandes laboratórios farmacêuticos ocidentais, como também há diplomatas altamente colocados envolvidos como sócios precisamente na culposa multinacional – algo que não é possível de acordo com os regulamentos do Foreign Office, pelo menos não antes da reforma...

Interessantemente, no entanto, o filme não vai pelo estereótipo fácil duma diplomacia antiquada. Embora haja traços disso na forma como o personagem principal, o marido diplomata, é um jardineiro dedicado e uma pessoa reservada. Mas no essencial o Fiel

Jardineiro argumenta que a diplomacia se adaptou bem demais aos novos tempos. A prioridade dada aos laços económicos, à promoção dos investimentos, leva-a a fechar os olhos a tudo o resto. Em conversa com um diplomata britânico perguntei-lhe o que achava do filme no Foreign Office: perfectly accurate foi a resposta, de uma forma que pretendia ser perfectly ironic. Mas a verdade é que, como reconheceu, os assuntos e os conflitos de interesses, mesmo se algo caricaturados, existem.

Realmente o mais irónico é o facto de que nos casos em que se detectaram abusos por parte de empresas farmacêuticas – que não serão evidentemente todas iguais – não parece ter sido preciso fazer algo tão dramático como matar pessoas. Certamente não pessoas ligadas a ONGs: isso seria um desastre de relações públicas. Os incómodos e as pressões são geralmente mais subtis, para encobrir e diminuir a história, para confundir responsabilidades. A culpa cai numa subsidiária duma subsidiária que é fechada.

A empresa pede ainda assim desculpas, pune os «culpados», faz alguma doação e segue em frente. Não é um assunto mediático, não há correspondentes nestas zonas ou articulistas que se dediquem a este tipo de questões. E a razão para isso é capturada num daqueles diálogos brilhantes pelos quais Le Carré é justamente famoso. Um dos responsáveis do laboratório diz a certa altura: «mas qual é que é o problema? Não é como se nós tivéssemos matado alguém que não estivesse já morto!». Mais mortos em África? Só interessa se forem realmente muitos, e ainda assim..... veja-se Darfur – que o filme, aliás, ainda toca.

Duas notas para terminar. O Fiel Jardineiro é produto de um realizador brasileiro, dirigindo actores ingleses na adaptação de um livro inglês, com uma equipa relativamente pequena mas internacional, com produtor inglês, e o produto final é distribuído por um estúdio norte-americano (a Universal). O próprio filme é, portanto, exemplo da globalização, das suas potencialidades e limitações. Finalmente, o produtor do filme terá aparentemente entregue parte das receitas do dito e terá reunido doações de anónimos para uma ONG que ajuda a melhorar as condições de vida no bairro de Kibera, que serve de cenário ao filme. Final feliz, afinal? Dificilmente; numa história de Le Carré, será sempre um pouco mais complicado do que isso.